



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



DISCURSOS DO CÁRCERE: O PAPEL DO *RAP* NA EXPRESSÃO DAS SUBJETIVIDADES DAS MULHERES ENCARCERADAS NA CADEIA PÚBLICA DE FRANCA-SP

Área temática: Direitos Humanos e Justiça.

Ana Gabriela Mendes Braga¹; Ana Maria Nasciutti Otoni²; Isadora Thomaz Ribeiro³; José Arthur Fernandes Gentile⁴; Sarah Ribeiro Paschoal^{5,6}.

Resumo: Este artigo tem como fim relatar brevemente um dos trabalhos desenvolvidos em conjunto com as mulheres que se encontram encarceradas na Cadeia Pública de Franca-SP, pelo grupo C.E.L. A partir da apresentação de composições de *rap*, as análises bibliográficas discutem a importância social e subjetiva de estimular atividades de reflexão no ambiente prisional.

Palavras chave: Mulheres; cárcere; *rap*.

1. Introdução

A beleza, como se sabe, não exige grandes pompas para exercer seu poder transtornador; razão pela qual, apesar das diferenças de escolaridade, existem tantos poetas na periferia quanto em qualquer outro lugar. (KEHL, 1999, p. 7)

O *rap* é o gênero musical próprio do hip hop, cultura de rua que abarca também a expressão plástica (grafite), a dança (break), entre outros elementos. Devido a sua forte

¹ Professora da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Franca-SP (UNESP-Franca) e Coordenadora do Projeto CADEIA/Grupo de extensão Cárcere, Expressão e Liberdade (C.E.L.) da mesma instituição.

² Graduanda do 5º ano de Direito da FCHS da UNESP-Franca.

³ Graduanda do 4º ano de Direito da FCHS da UNESP-Franca.

⁴ Graduando do 5º ano de Direito da FCHS da UNESP-Franca.

⁵ Graduanda do 2º ano de Serviço Social da FCHS da UNESP-Franca.

⁶ Todos os autores são membros do Projeto CADEIA/Grupo C.E.L. da FCHS da UNESP-Franca.

ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



carga política, com letras que reproduzem uma leitura crítica da sociedade, é por muitos considerado um movimento social.

Esse movimento social seria conduzido por uma ideologia (ou pelo menos por certos parâmetros ideológicos) de autovalorização da juventude de ascendência negra, por meio da recusa consciente de certos estigmas (violência, marginalidade) associados a essa juventude, imersa em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial. Sua principal arma seria a disseminação da ‘palavra’: por intermédio de atividades culturais e artísticas, os jovens seriam levados a refletir sobre sua realidade e a tentar transformá-la. (ROCHA, DOMENICH & CASSEANO, 2001, p. 18)

Dentro do cárcere, a seletividade do sistema penal se torna clara: dois terços dos presos no Brasil são negros, 31% têm entre 18 e 24 anos e 53% têm ensino fundamental incompleto (INFOPEN, 2014). Nesse contexto, o *rap* se torna uma forma de demonstrar os sentimentos de revolta e exclusão dessa população, que é alvo predominante da justiça criminal, adquirindo um caráter de resistência e denúncia.

Nessa linha, o Grupo Cárcere, Expressão e Liberdade traz esse nome por acreditar que a expressão é um instrumento libertador dentro da prisão, ainda que pouco se possa fazer quanto ao aprisionamento físico. Pois o sistema penal não aprisiona só os corpos, mas também as mentes: as presas são privadas de sua individualidade, sua privacidade, sua afetividade (as rígidas políticas penitenciárias servem para dificultar o contato com seus entes queridos); além de serem estigmatizadas, infantilizadas e negligenciadas de diversas maneiras.

Há pouquíssimo espaço para expressão de sentimentos e ideias, os quais geralmente se resumem a imagens e frases desenhadas nas paredes do interior das celas, lugar no qual ficam trancadas durante quinze horas diárias, configurando ócio completo, compulsório e institucionalizado.

A expressão por meio da música sempre foi uma ideia trabalhada pelo grupo, e a organização de um concurso de *rap* surgiu, neste contexto, como construção conjunta com as presas. Uma das demandas trazidas por essas mulheres permeava o desafio de criar e cantar, ações que movimentam a cadeia e produzem um grande evento em um ambiente caracterizado pela monotonia. Talvez por isso, atividades competitivas, esportivas e

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



lúdicas sejam frequentemente sugeridas pelas presas.

Com esse trabalho, objetiva-se analisar os reflexos das subjetividades das pessoas em sua produção artística, qual seja, os *raps* apresentados. Essa reflexão, assim como a extensão no espaço prisional, tem a finalidade de aproximar a materialidade da realidade prisional da Universidade, despertando a academia para o debate acerca dessa problemática e dos temas a ela atinentes, discussão que dificilmente se encontra em sala de aula.

2. Material e Metodologia

A atuação do Grupo C.E.L. (Cárcere, Expressão e Liberdade) parte de perspectiva interdisciplinar, com predominância das áreas do Direito e Serviço Social, para atuar no ambiente da Cadeia Pública Feminina da cidade de Franca-SP, ambiente esse de complexidades próprias, que afetam diretamente as escolhas metodológicas do grupo.

Desse modo, por meio de reuniões administrativas mensais, são elaboradas e discutidas ideias para execução dentro do ambiente da cadeia, pensando-se em um tema para o respectivo mês. A partir daí, durante a primeira visita à Cadeia Pública acontece o planejamento, com as presas, das dinâmicas para as próximas semanas. O grupo se organiza da referida forma por se nortear pelo princípio da horizontalidade, por entender que o desenvolvimento da extensão universitária deva se dar de forma conjunta, dialógica e orgânica, buscando construir um saber próprio acerca do sistema de justiça, especialmente o criminal, a partir da troca de experiências e saberes de todos os membros do grupo: extensionistas e mulheres presas.

Durante as reuniões de planejamento e execução de atividades, as particularidades do ambiente da cadeia feminina se apresentam a todo momento, muitas vezes influenciando o desenvolvimento das oficinas e discussões. Primeiramente tem-se em vista que os sujeitos do meio são duplamente vulnerabilizados: tanto pela privação de liberdade, quanto pela condição do gênero feminino no ambiente prisional. Ademais, por se tratar de uma cadeia pública⁷, o projeto se realiza majoritariamente com as chamadas presas

⁷ Estabelecimento prisional destinado ao recolhimento de presos provisórios. Dessa forma, difere-se do presídio, por exemplo, que é destinado ao condenado à pena de reclusão, em regime fechado.

Realização:



Parceiros:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

provisórias ou preventivas e, dessa forma, trabalha-se com ambiente marcado pela transitoriedade e provisoriedade de seus membros, que de forma geral, não elaboraram ou aceitaram a permanência na prisão, sendo consequente o desafio de despertar e manter o interesse nas atividades do grupo, ainda mais frente à angústia e à ansiedade acerca do futuro próximo que se somam ao dia a dia de cárcere destas mulheres.

O presente trabalho analisará as experiências de dinâmica realizada na Cadeia Feminina de Franca-SP no dia 31 de março de 2015, denominada Concurso de *Raps*. Seguindo os supracitados princípios da horizontalidade e da construção coletiva, em reunião administrativa interna pensamos em oficinas que incentivassem a expressão artística das presas, ao levar essa ideia na primeira visita na prisão foi sugerida, por uma das presas, a realização de um concurso que premiasse o "melhor *rap* da cadeia". Dessa forma, após reflexão sobre a capacidade de utilizar a competição como incentivo à produção criativa e expressão artística das mulheres da cadeia, decidiu-se pelo Concurso de *Raps* como a dinâmica a ser trabalhada naquele mês.

Decidido isso, na semana seguinte foi o dia do Concurso, ao longo da dinâmica foram apresentados três *raps*, dois em grupo e um individual e os critérios para a decisão acerca do *rap* vencedor, escolhido durante a dinâmica em conjunto com as mulheres da cadeia, foram: poesia, coreografia, visual, levada e ritmo (GRUPO CÁRCERE, EXPRESSÃO E LIBERDADE, 2015). Reitera-se que objetiva o presente trabalho refletir sobre a atividade do Concurso de *Raps*, utilizando como metodologia a análise da letra dos três *raps* apresentados, buscando a compreensão da constituição das subjetividades desses em relação às suas autoras, bem como da existência de categorias reiteradas. De tal modo, não haverá distinção quanto ao *rap* vencedor do concurso, ou mesmo qual foi a avaliação de cada um desses pelo grupo - extensionistas e presas à ocasião da dinâmica, vez que referidas explanações se distanciariam do objeto ora explorado. Por fim, ressalta-se que a identidade das autoras foi mantida em anonimato por razões de cunho ético-científico.

3. Resultados e Discussões

O *rap*, enquanto expressão cultural e artística, difere e se destaca das demais por ter como uma de suas características principais defender um caráter unificador, na insistência do tratamento igualitário entre artista e público. Não se presencia no *rap* o distanciamento entre artista e público, a exclusão do semelhante – neste caso, geralmente que se encontram em uma situação socioeconômica desprivilegiada –, mas sua união. Mesmo em relação aos

Realização:



ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



anônimos de seu ambiente, reforça-se a ideia de "junte-se a nós, aumente nossa força" (KEHL, 1999, p. 2).

Nesse sentido, oportuno pontuar o lugar de fala dos membros do grupo, ora autoras e autor do presente trabalho. Analisa-se uma produção artística que não tem universitários como destinatário final, muito menos conversa com a realidade da classe média, em geral branca, à qual pertencemos. No entanto o grupo se posiciona conforme reflete Kehl em sua análise da obra dos Racionais MC's:

[...] aposto no espaço virtual, simbólico, e portanto inesgotável, da fratria e me passo para o lado dos outros, sem esquecer (nem poderia) a minha diferença – é de um outro lugar, do “meu” lugar, que escuto e posso falar dos Racionais MC's. É porque eles falam diretamente não apenas à minha má consciência de classe média esquerdista, mas ao mal-estar que sinto por viver num país que reproduz diariamente, numa velocidade de linha de montagem industrial, a violenta exclusão de milhares de jovens e crianças que, apesar dos atuais discursos neoliberais que enfatizam a competência e o esforço individual, não encontram nenhuma oportunidade de sair da marginalização em que se encontram. (KEHL, 1999, p. 3)

Partindo para uma teoria de análise de discurso, é importante destacarmos a análise de Bakhtin quanto à importância do discurso para com o ambiente e com os sujeitos relacionados ao que está sendo transmitido:

Na entoação, o discurso entra diretamente em contato com a vida. E é na entoação sobretudo que o falante entra em contato com o interlocutor ou interlocutores – a entoação é social por excelência. Ela é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante (VOLOSHINOV; BAKHTIN, apud MOREIRA, 2011, p. 203)

Outrossim, as letras de *rap*, conforme supracitado, são expressão dos segmentos sociais mais marginalizados que se apoiam em discurso direto e carregado de críticas sociais. Neste sentido, os *raps* escritos pelas presas não são diferentes. Ainda que recheados de conteúdo religioso e do sentimento de saudade dos familiares, críticas ao sistema carcerário e a constante espera pela liberdade norteiam as composições.

Em seguida à análise das subjetividades das mulheres da cadeia a partir de seus discursos (composições), busca-se nas três letras analisadas categorias recorrentes,

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



temáticas apresentadas pelas autoras seguindo abordagens semelhantes e que possibilitem leituras complementares acerca de suas identidades no ambiente do cárcere.

Saudade dos familiares

Primeiramente, percebe-se a ocorrência da categoria “saudade dos familiares”. Essa presença pode ser compreendida por meio da situação da mulher brasileira encarcerada que é, em geral, de abandono, visto que as famílias, como entidades reprodutoras do machismo na sociedade, condenam socialmente as mulheres criminosas, na medida em que elas quebram papéis de gênero fundamentais para a manutenção da estrutura patriarcal (BRAGA; ANGOTTI, 2015, p. 15-17). Além disso, elas são, muitas vezes, privadas de visitas e de contato com os familiares que permanecem. O Estado também não demonstra grandes preocupações para com as necessidades específicas das mulheres condenadas. Nesse quadro de abandono e de opressão de gênero, as presas brasileiras lidam com um silenciamento sufocante. Em trechos como “*Poxa vida aki estou mais um dia com saudades da minha família*”; “*hoje de manhã chegou da minha cidade duas gamas de papel mil quilos de saudade*” e “*já não suporto viver sem milha filha*” são exemplos que apontam a força de referida categoria.

Religiosidade e descrédito em relação à Justiça

A expressão pessoal dessas mulheres muitas vezes se dá a partir da religião, outra categoria recorrente e que protagoniza grande parte do conteúdo das letras por elas escritas. O apelo à fé escancara a relação delas com o judiciário, que é de uma desesperança reinante. Os trâmites do processo penal são uma incógnita para elas: regras desconhecidas estabelecidas por intelectuais e políticos vindos de realidades opostas à delas e, aí, categorizamos o “descrédito em relação à Justiça”. Ainda assim, muitas aprendem o suficiente para calcular o tempo de pena que devem cumprir para a progressão de regime, e para saber com facilidade os artigos penais dos delitos mais comuns, selecionados pelo sistema de justiça criminal.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Os trechos em que as referidas categorias se mostram mais marcantes vêm a seguir, algumas vezes relacionadas, inclusive: “*Ae irmão chega pra cá vamos louva pois a Jesus devemos adora*”; “*Pois só Jesus que pode me julgar A lei de deus um dia vai muda*”; “*Na tua palavra eu quero caminha para lá na frente eu poder frutifica*”; “*Meu coração eu vou entrega pois minha fé vai me salva*”; “*porque Jesus no nosso meio ja esta*”; “*Não me rendo a essas grades pois minha fé é maior que o desespero*”; “*Se liga meu irmão não deixa sua fé ser abalada pela lei dos homens*”; “*Não é as grades e muito menos o chapão eu creio em Deus e não perco a unção*”; “*o sistema quer ver pobre na cadeia ou vendendo picolé*”.

Nota-se que a deslegitimação por parte das presas se dá em relação ao sistema de justiça criminal, de cuja seletividade elas têm plena consciência – compartilhando em outras ocasiões de visitas do grupo, por exemplo, depoimentos de flagrantes forjados por parte de policiais militares – e não, necessariamente, à legislação criminal, sendo que muitas, inclusive, defendem punição mais severa a crimes tipificados no código penal (GRUPO CÁRCERE, EXPRESSÃO E LIBERDADE, 2014).

Não à toa refletimos sobre as duas últimas categorias em conjunto, haja vista que estabelecem relação íntima uma como a outra, sendo perceptível a noção de que, na ausência de justiça no “mundo dos homens”, fortifica-se a esperança na “justiça divina” conforme a explanação seguinte:

Deus é lembrado como referência que ‘não deixa o mano aqui desandar’ [...] A alternativa simbólica moderna, imanente, a Deus, seria ‘a sociedade’. [...] Mas, do ponto de vista dos manos, a sociedade é hostil ou, no mínimo, indiferente. A sociedade ‘não se importa’, não vai alterar seu sistema de privilégios para incluir e contemplar os direitos deles. A regressão (do ponto de vista filosófico) a Deus faz sentido, num quadro de absurda injustiça social, considerando-se que a outra alternativa é a regressão à barbárie. (KEHL, 1999, p. 6)

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Dificuldade da reintegração social

Muito além das questões que envolvem o cotidiano no cárcere e suas dificuldades, as incertezas da vida como egressa geram bastante preocupação entre a maioria das presas, que sabem melhor do que ninguém as marcas sociais que o cárcere deixa e suas consequências.

O estigma de “ex-presas” é algo que sempre levarão consigo, influenciando negativamente a forma com que a sociedade as enxergará, uma vez que o sistema prisional brasileiro, em sua prática – contrariando os discursos que o legitimam – funciona como forma de exclusão e neutralização, afastando do convívio social quem se considera que afeta a “ordem social”. O aprisionamento como forma de punição ignora que essas mulheres, mesmo presas, continuam sendo parte integrante da sociedade e continuarão sendo depois que saírem. Em momentos de suas composições como *“Hoje estou aqui tentando me afastar da vida do crime pra nunca mais voltar fácil não é”*; *“não queira ser mais um aliado do diabo essa vida é complicada você não entende na maioria das vezes é matar ou morrer”*; *“A lei de deus um dia vai muda e com a liberdade eu vou me liberta dos maus caminhos que vem me assombra”*, nota-se a dificuldade de reinserção social que sofrem as pessoas presas, independentemente de sua vontade.

“Você me contraria depois daqui?”; *“Deixaria eu trabalhar em sua casa, ou cuidar de um filho seu?”* (GRUPO CÁRCERE, EXPRESSÃO E LIBERDADE, 2014) esses já foram questionamentos apresentados ao grupo pelas presas, as vezes acompanhados de tom quase retórico e sorrisos irônicos, outras vezes em tom mais sério e visivelmente preocupado, mascarado por detrás de um sorriso tímido, porém sempre atestando sua consciência acerca de um sistema carcerário falho e estigmatizante.

A questão da maternidade

A questão da maternidade é especialmente dolorosa para as mulheres presas, já que, na maioria das vezes, elas cumpriam o papel de principal – ou mesmo única – cuidadora de

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



suas crianças antes da prisão. Isso acontece porque a estrutura familiar patriarcal persiste, atribuindo à mãe a responsabilidade pelos filhos. Em muitos casos, inclusive, o bem-estar dos filhos é o gatilho motivador do delito. A alta taxa percentual, dentro da criminalidade feminina, de delitos patrimoniais e relacionados ao tráfico de drogas é consequência do uso do crime como recurso para a situação de vulnerabilidade econômica em que se encontram.

Nos versos “*já não suporto viver sem milha filha não vejo a hora de poder voltar pra casa*” e “*Peço a Deus nas minhas oração que cuide da minha família*” fica claro o sentimento de frustração e preocupação que a ruptura com o convívio familiar acarreta, afetando gravemente o psicológico dessas mulheres, sendo comumente relatada a incidência de depressão entre elas.

A transgressão do papel de gênero que lhes é exigido desempenhar faz com que elas sejam duplamente condenadas: pelo Estado e pela comunidade. A culpa gerada pela pressão social em torno da maternidade se deve à idealização desta como sagrada, natural e perfeita, elevando as expectativas da sociedade sobre a mulher e dela sobre si mesma. A sensação de ter falhado é angustiante para mulheres presas que, muitas vezes, consideravam a maternidade elemento substancial de sua própria identidade.

Solidariedade entre as presas

Em trechos como “*Jesus olha pra mim, mas não esquece de você*” e “*Aqui é foda pois não vejo a hora di pode me liberta tem muita jenti ki ke nos ajuda*”, fica evidente a forte questão da solidariedade. Mesmo que em um âmbito pessoal não existam grandes afinidades, as mulheres ainda possuem um forte sentimento solidário umas com as outras, porque é perceptível que os seus anseios e os fatores de opressão são os mesmos. Afinal, todas que estão na cadeia sofreram por estar à margem da sociedade e sofrerão pela dificuldade da reintegração social, porém, nem por isso elas deixam de desejar a liberdade. Essas convergências geram episódios da mais pura cumplicidade, como no dia em que

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



chegou o alvará de soltura de uma das mulheres presas e o grupo presenciou a cadeia inteira em festa, todas se juntaram e cantaram no pátio por causa dessa conquista.

O sentimento de companheirismo das presas surge de vários fatores que também estão presentes nas letras dos *raps*. A saudade da família, por exemplo, gera uma necessidade de criar laços com as suas iguais e gerar uma situação de apoio e segurança maior. Normalmente tal relação é mais forte com as companheiras de cela, o que fica claro quando um dos *raps* é intitulado “*Rap das guerreiras do 10*”. Partindo desta categoria, fica perceptível a questão da maternidade. Quase todas têm filhos e a ausência destes é considerada por elas como uma das coisas mais difíceis em estar encarcerada. Por isso, a solidariedade também se manifesta quando se vê situações de “adoção”, em que elas cuidam umas das outras mutuamente com uma natureza maternal. Durante uma das dinâmicas executadas pelo grupo, uma das mulheres começou a convulsionar, tal fato gerou uma mobilização muito forte de todas as outras e houve um cuidado muito grande para com a mulher que sofreu com essa situação.

Em um panorama geral, a solidariedade está presente em quase todas as categorias analisadas neste artigo, ela é que é o norte de muitas relações existentes na cadeia. No ambiente prisional percebe-se que se solidarizar com o outro passa a ter sentidos mais fortes e uma natureza essencial para a manutenção da esperança, da saúde mental e do resquício de bem-estar possível de se alcançar em uma cadeia.

4. Considerações finais

A atividade do grupo não pretende minimizar o problema de silenciamento da população encarcerada brasileira, posto que tal questão opera transversalmente ao funcionamento da estrutura social vigente, baseada na hierarquização de classe, gênero e raça. Contudo, no microcosmo da Cadeia Pública Feminina de Franca-SP, o desenvolvimento da expressão e o debate em torno de questões políticas e sociais são uma

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



construção constante e de fim indeterminado. Com a rotatividade de pessoas sendo presas, há sempre trabalho a se fazer.

O impacto deve ser medido de forma qualitativa, pois não se pode subestimar a influência da emancipação do indivíduo em sua esfera pessoal e social. A maioria das mulheres presas alcançadas com o projeto ainda terão que esperar muito tempo antes de conseguirem sua liberdade, mas isso não significa que qualquer empenho no sentido de transformar essa realidade seja em vão.

É importante analisarmos a estrutura social como um todo, e enxergarmos o papel em que estamos inseridos, ao observar que a estrutura carcerária brasileira é uma extensão da manifestação do âmbito social. Portanto, reflete a sociedade e suas desigualdades tal como elas são, não um apêndice, mas parte integrante e funcional deste organismo. Por meio dessa perspectiva, temos como objetivo uma relação horizontal com trocas mútuas, construídas gradativamente a cada visita.

Desenvolver dinâmicas que estimulem a criatividade em um ambiente tão hostil como o cárcere produz resultados divergentes dos que são normalmente almejados no ambiente acadêmico. É muito difícil mensurar os efeitos dos nossos trabalhos e fazer uma planilha quantitativa, pois lidamos com impactos muito individuais, os quais diferem de uma pessoa para outra. No entanto, ações como promover o Concurso de *Raps* são estímulos que diminuem o impacto da prisionização⁸, que promovem a libertação subjetiva e que permitem que exista uma expressão resistente, mesmo que pequena. E mais, e talvez o mais importante, os extensionistas são colocados cara-a-cara com realidades e expressões distintas, as quais promovem outras formas de ver o mundo e um outro compromisso da Universidade com a comunidade, inclusive àquela formada por pessoas presas. Trazer mais cores e mais sons para o ambiente prisional são ações importantes que prezam pelo bem-estar humano e que demonstram o devido respeito pelos direitos humanos.

⁸ Segundo Baratta (2002), o processo de prisionização pode ser compreendido como os efeitos da prisão sobre a identidade da pessoa presa - ou mesmo do trabalhador prisional.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Ainda, almejamos com este estudo a função de ponte na relação cárcere-sociedade, por meio da publicidade das composições das mulheres da cadeia, dando vazão à sua expressão artística, diariamente sufocada pelos muros da prisão, e acima de tudo, permitindo à mulher encarcerada ver-se como sujeito histórico – alguém que está privado da liberdade, mas não da capacidade de pensar, de criar, de (re)construir sua história.

Anexo

As letras dos *raps* compostos e apresentados pelas presas, na íntegra:

Primeiro Rap - RAP DAS “GUERREIRAS DO 10”

(letra reproduzida fielmente, exatamente como foi escrita pelas autoras – A.C.S, L.G.S, L.F.S, A.P.N.R e A.S.G)

*Ae irmão chega pra cá vamos louva
pois a Jesus devemos adora
O sofrimento é forte a dor é constante
Mas só Jesus transforma o coração de um traficante
Várias barreira devemos derruba
para com ele um dia nós esta*

*Pode um milagre em fim
acontecer quando você
acredita, acredita
É só você cre, você cre, você cre*

*O inimigo vem para rouba
os nossos sonhos que queremos conquista
Mas com muita força eu não paro de tenta
Pois só Jesus que pode me julgar
A lei de deus um dia vai muda
e com a liberdade eu vou me liberta
dos maus caminhos que vem me assombra*

*Pode um milagre em fim
acontecer quando você*

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



acreditar, acredita

É só você cre, você cre, você cre

*Na tua palavra eu quero caminha
para lá na frente eu poder frutifica
minha família na igreja vai esta
quando no autar eu for testemunha*

*Minha vitória eu sei que vai chega
quando a ele eu aceita
enfermidades ele vai cura
transformações também ele fara
Meu coração eu vou entrega
pois minha fé vai me salva*

*Então irmão se liga aí vamos louva
porque Jesus no nosso meio ja esta
para ser guerreira so depende de você
Jesus olha pra mim
mas não esquece de você*

*Pode um milagre em fim
acontecer quando você
acreditar, acredita
É só você cre, você cre, você cre.*

Segundo Rap - Sem título

*(letra reproduzida fielmente, exatamente como foi escrita pelas autoras – autoria de P.B.J,
J.F.F e E.C.S.)*

*Poxa vida aki estou mais um dia com saldades da minha familia
Você não sabe como é ruim fika trancado na Ganabara
não vejo a hora da minha liberdade chega
Mais tudo passa não podemos dizanima*

Eu kero paz paz e liberdade (bis)

*Aqui é foda pois não vejo a hora di pode me liberta
tem muita jenti ki ke nos ajuda mais tem tambem muitos kerendo mi arrasta*

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



*Jogue o dado em quem confia
Faço essas letras com coração partido pois no mundão nunca kui eu passei por iso!*

Eu kero paz paz e liberdade (bis)

*Não me rendo a essas grades
pois minha fé é maior que o desespero
O tempo passa o tempo corre
mais lá fora ninguém nota
mais aqui dentro o tempo estacionou.*

*Se liga meu irmão
não deixa sua fé ser abalada pela lei dos homens*

Eu quero paz paz e liberdade (bis)

*Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte não temerei mal nenhum
Por que tu estas comigo
O teu bordão e o teu cajado me consolam!*

*Não é as grades e muito menos o chapão
eu creio em Deus e não perco a unção*

*Peço a Deus nas minhas oração que cuide da minha familia.
Que não caia em tentação.
E pros menor eu mando meu recado
ostentação no mundão é prioridade
mais na fundação só desigualdade*

*Na cadeia não tem rico e nem tem pobre
na hora que fechas as grades é tudo junto no quadrado.*

Terceiro Rap - VOLTAR A VIVER

(letra reproduzida fielmente, exatamente como foi escrita pela autora – autoria de M.C.G.S.)

*2014 só tristeza em francisco morato a policia me prende e mataram meus aliado não
podia ser pior isso não é ilusão é algo quente que acontece com um cidadão que já crece
pra mata e se encontra nos lar pra troca umas ideia relembrar do seu passado da vida que
tiverão se irmão é imbaçado não queira ser mais um aliado do diabo essa vida é
complicada você não entende na maioria das vezes é matar ou morrer.*

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



“O crime não começa”

Hoje estou aqui tentando me afastar da vida do crime pra nunca mais voltar fácil não é e não é o que o sistema quer ver pobre na cadeia ou vendendo picolé.

Só que eu já vacilei com a minha liberdade e agora estou aqui atrás das grades hoje de manhã chegou da minha cidade duas gamas de papel mil quilos de saudade.

Há que saudade louca preciso viver já não suporto viver sem milha filha não vejo a hora de poder voltar pra casa.

“Quero voltar a viver”.

5. Referências

BARATTA, Alessandro. *Criminologia crítica e crítica do direito penal*. Introdução à Sociologia do Direito Penal. Rio de Janeiro, Revan, 2002.

BRAGA, A. G. M.; ANGOTTI, B. **Dar à luz na sombra**: condições atuais e possibilidades futuras para o exercício da maternidade por mulheres em situação de prisão. Brasília: Ministério da Justiça, 2015. Disponível em: <<http://www.neca.org.br/images/51-Dar-a-luz-na-sombra.pdf>>. Acesso em: abril 2016.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **Magia no cárcere**: a possibilidade do encontro. Boletim do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais: São Paulo, 2007, v. 14, p. 11-12.

_____. **Na prisão e contra ela**: recusa e resistência. Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, v. 22, p. 259-270, 2010.

GRUPO CÁRCERE, EXPRESSÃO E LIBERDADE, **Concurso de Rap**. Franca, 2015. Disponível em <<https://desejodeumaliberdade.wordpress.com/2015/04/06/202/>>. Acesso em: abril 2016.

_____, **Concurso de Rap** - segunda letra. Franca, 2015. Disponível em <<https://desejodeumaliberdade.wordpress.com/2015/04/07/concurso-de-rap-segunda-letra/>>. Acesso em: abril 2016.

_____, **Concurso de Rap** - terceira letra. Franca, 2015. Disponível em <<https://desejodeumaliberdade.wordpress.com/2015/04/07/concurso-de-rap-terceira-letra/>>. Acesso em: abril 2016.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



_____, **Visita do dia 18/11/2014**. Franca, 2014.
Disponível em <<https://desejodeumaliberdade.wordpress.com/2014/12/12/dinamica-da-verdade/>>. Acesso em: abril 2016.

_____, **Visita do dia 21/10/2014**. Franca, 2014.
Disponível em <<https://desejodeumaliberdade.wordpress.com/2014/12/12/dinamica-da-verdade/>>. Acesso em: abril 2016.

INFOPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias**. Brasília: Ministério da Justiça, 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/.../relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: abril 2016.

KEHL, Maria Rita. **Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo**. São Paulo em perspectiva, v. 13, n. 3, p. 95-106, 1999.

MELLO, Carla Cristiane. **Vozes do Carandiru: o rap de cárcere e os estigmas sociais**. 2015.

MOREIRA, Tatiana. **A constituição da subjetividade no grupo e RAP Racionais**, PERcursos Linguísticos, Vitória, v.3, n.1, p.199-209, 2011 (edição especial).

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Música e política: percepções da vida social brasileira no rap**. 2011.

PASSOLD, Gabriel. **Rap e política: Uma discussão teórico-metodológica para análise da arte**. XXVIII Simpósio Nacional de História. 2015.

ROCHA, J., DOMENICH, M. & CASSEANO, P. **Hip-Hop: a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:

